



O Livro de Miya

Saga Vanir V

Lena Valenti

Projeto Revisoras Traduções

Revisão Inicial e Final: Sandra e Lucilene

Leitura Final: Lisa de Weerd

Sinopse:

Róta é conhecida no Valhala como “A valkyria que tudo vê”, e é uma das guerreiras indomáveis que Freyja e Odín mandaram à Terra para que recuperasse os totens roubados dos deuses, aqueles que podem acelerar o Ragnarök. Mas o destino a enganou e fez com que se encontrasse cara a cara com o guerreiro que foi destinado a ela: Miya, um vanirio samurai. Ela sabe que lhe pertence, e embora se sinta ofendida porque não a reconhece, está deseiosa de demonstrar que as Valkyrias nunca se rendem. Entretanto, o irmão gêmeo de Miya, Seiya, a sequestrou e quer obrigá-la a se vincular com ele. Conseguirá? Seu vanirio samurai irá em sua busca? A batalha final se aproxima, mas uma mulher temerária e irascível lutará para que ninguém a dobre. Quanto tempo durará sua fúria?

Miya faz parte do clã vanirio de Chicago. É um guerreiro ancestral, um samurai que vive obcecado com a profecia que cai sobre ele e seu irmão. Um homem que crê firmemente que perdeu a oportunidade de se emparelhar com sua companheira eterna. Por isso, quando vê descer a valkyria de cabelo vermelho, todos os seus medos e dúvidas disparam. Vê-la o deixa paralisado. Ser vítima de sua afiada língua o enfurece. Prová-la foi um engano. Agora nada poderá tirar o sabor de seu sangue nem a lembrança de sua conexão e fará o possível para resgatá-la, porque deve averiguar o que o une a essa mulher descarada e desbocada com olhos de raios e centelhas. Deve salvá-la das garras de seu irmão Seiya, antes que seja muito tarde. O fará para que não se cumpra a profecia, o fará por vingança, mas, também, o fará para não perder nem sua alma nem seu coração.

As espadas dos deuses estão no alto. Os totens divinos devem ser recuperados.

O Ragnarök se afia como a folha de uma katana. E na travessia para resgatar e ser resgatado, um vanirio e uma valkyria estão a ponto de descobrir que “Só o amor pode colocá-los de joelhos”.

“Uma pessoa que quer vingança mantém suas feridas abertas” (Sir Francis Bacon)

“Para que triunfe o mal, só é necessário que os bons não façam nada” (Edmund Burke)

“Entendo a fúria das palavras, mas não as palavras” (William Shakespeare)

Sakura hirahira maiorite ochite
Yureru omoi no take wo dakihimeta
Kimmi to haru ni negai shi ano yume wa
Ima mo miete iru yo sakura maichiru

*As flores de cerejeira caíram.
Cada uma de suas pétalas é uma parte do meu amor.
Inclusive agora, continuo sonhando em poder vê-la nesta primavera.
As flores de cerejeira estão se dispersando.
IKIMONO GAKARI
Sakura

Profecia dos Futago

(Ano 496, era do Kofun)

Os Futago compartilharão uma *chokuto* com corpo de mulher.
A mulher dupla dos Futago decidirá se chegarão os dias de luz
Ou os dias de escuridão.
A que homem escolherá?
As espadas dos deuses se elevarão,
Os mares se agitarão.
E só um elevará a voz como herdeiro do raio, da terra e do mar.
Itako May

CAPÍTULO UM

Chicago

Underground. Dias atrás.

Sim, senhor. Aquela foi uma armadilha em toda regra.

Róta estava completamente de acordo com a atitude do Engel para Miya.

O samurai os guiou até o clube noturno Underground, que era uma espécie de ninho de jotuns e servos de sangue do Khani; e depois de saírem vitoriosos da briga, Gabriel encurralou Miya e pediu explicações de um modo muito pouco amável.

O Engel sempre demonstrava, de uma maneira ou de outra, quem mandava. Era autoritário e muito racional, mas possuía lampejos de loucura, soberba e genialidade. Esses lampejos a faziam morrer de rir às suas costas. Na realidade gostava muito do líder dos einherjars, com essa cara de anjo que não quebrou um prato, embora não parecesse; e desejava que ele se desse conta da incrível sorte que teve por ser destinado à sua *nonne* Gúnnr. Melhor que a tratasse bem ou do contrário torraria suas joias da coroa.

Róta olhou de esguelha para Ren, o vanirio que se encarregava de reiniciar as cabeças dos escravos e que foi quem os colocou ali. Esse homem oriental, com cabelo negro salpicado de mechas loiras oxigenadas a deixava com a pele arrepiada. Havia algo muito frio nele, como uma atitude distante e desencorajadora para tudo e todos.

Aiko, a irmã de Ren, não era assim. Muito ao contrário, era gentil e serena. Mas Ren... Não. Ren não tinha gentileza numa só célula de seu corpo. Róta não podia confiar nele, havia algo que a impedia.

Gabriel e Gúnnr saíram do Underground, e deixaram nas mãos dos vanirios a reconstrução do local e sua posterior limpeza, em todos os sentidos.

Róta, por sua vez, precisava ir ao banheiro urgentemente e disse que a esperassem lá fora.

Desejava molhar o rosto e respirar ar, oxigênio normal. Exigia inalar algo que não estivesse poluído pelo aroma de Miya. Porque ele estava em todos os lugares.

O samurai a levava para a rua da amargura.

Foi muito duro encontrá-lo no Midgard; muito violento para suas emoções e muito cruel para seu orgulhoso coração. Tanto tempo no Valhala esperando, desejando vê-lo subir nos braços da Nanna, e no fim o guerreiro estava na Terra, mas não em qualquer lugar da Terra, claro, as nornas não são assim amáveis; tinha que encontrar o guerreiro justo no lugar onde estaria para recuperar os objetos dos deuses em Chicago.

Se subisse ao Valhala de novo, se encarregaria das três Bicho-tesouras do destino. Embora, as conhecendo, certamente diriam algo assim como: *“Bom, não se queixe, pelo menos não o encontrou disfarçado de Hopi.”*

Dava vontade de rir.

Um homem de quase dois metros, tão exótico e tão... tão “Homem”, não ia colar nunca como Hopi. Era ridículo. Os ponchos Hopi serviriam como cachecol, e as calças poderiam servir como malha de ciclismo.

Não. Seu tamanho não era o de um Hopi.

Pensava nisso enquanto o controlava pela extremidade do olho. Miya falava com Ren e repassava com seus olhos rasgados da cor da prata desfeita os danos colaterais que foi vítima o clube noturno no qual se achavam.

Os mapa-múndis de vidro escuro na parede se quebraram. As mesas com a runa Bjarkan desenhada na madeira estavam partidas e destroçadas. Naquela zona, a maioria dos humanos que se venderam para Loki tinham tatuada aquela runa no antebraço, um «B» com os extremos em ponta que, invertida, convertia-se em «W», outra runa que falava da selvageria e mentira. Esses humanos desejavam ser como Khani e seu clã. Queriam imortalidade, e se tinham que vender sua alma e seu sangue para conseguir — o faziam sem nenhum remorso.

Uma mão um pouco fria tocou seu ombro. Róta se encolheu e se afastou como se o toque a queimasse.

—Róta —era a voz da General.

Róta fechou os olhos com força. Não queria falar com Bryn. Sentia-se mal em olhar seu rosto depois do que aconteceu no Hard Rock.

A General a esbofeteou diante de todos. Diante de Miya.

Bryn não entendia sua atitude com o samurai, e por certo era muito compreensível.

Róta enfrentou Miya e atirou sua própria espada *chokuto*. Ninguém entendia a louca situação pessoal que estava vivendo. Nem Bryn, nem Gúnnr, nem as gêmeas sabiam nada sobre seu *kompromiss*¹, simplesmente, porque ela nunca contou nada a respeito, e Bryn, vítima de sua ignorância, se enervou ao ver que tratava desse modo o vanirio no primeiro encontro com os einherjars.

Entendia a reprimenda de Bryn, mas não compartilhava suas formas. Ela lhe deu uma bofetada humilhante. Ofenderam uma à outra numa discussão pública que ia além da tensão do momento. Reconhecia sua parte da culpa, mas... Um tapa desse calibre podia esconder muita dor por trás.

A dor de Bryn. A dor dela.

Não queria pensar nisso agora. Só queria se refrescar e ficar um minuto a sós consigo mesma, embora fosse no banheiro desse clube de jotuns.

—Róta, eu...

—Me deixe, Bryn.

Tinha que se afastar dela. Seu vínculo era muito forte, embora nenhuma das duas gostasse, e a empatia que tinham uma com a outra era muito reveladora.

Entrou no banheiro das garotas. A luz titilava e iluminava seu rosto de forma intermitente. Abriu o registro e olhou fixamente no espelho.

“Freyja, é uma vagabunda. Uma eterna jogadora compulsiva. Adora jogar conosco... por que Miya não me reconhece?”

Talvez ele não gostasse dela.

Ajeitou os seios dentro do vestido, tirou o cabelo vermelho do rosto e umedeceu os lábios vermelhos e voluptuosos com a língua. Sempre foi uma Valkyria muito segura de si mesma e de seu próprio atrativo. Ficou de perfil e seus olhos azuis celestes a analisaram de cima a baixo.

—Está tudo no seu lugar, não?

Passou a mão pelo estômago plano e pelo traseiro esculpido com trabalho e muita honra. As Valkyrias não tinham gordura corporal, pois eram atletas e guerreiras e, além disso, filhas de Freyja, e a deusa não permitiria que suas Valkyrias fossem repugnantes, mas isso não queria dizer que Róta não se esforçasse para ter o corpo em melhor forma, não?

A porta negra do banheiro se abriu.

A Valkyria loira entrou cravando seus olhos turquesa no espelho.

Apertava os dentes, mas não com raiva. Era a típica expressão que alguém adotava quando estava a ponto de gritar ou chorar.

Olharam uma à outra. Bryn fez o gesto de se aproximar dela, mas Róta cortou o contato visual e molhou o rosto com água. Queria afastá-la. Não queria falar com ela, ainda estava muito zangada.

Bryn se afastou e apoiou as costas na parede do banheiro, sem parar de olhar o reflexo de sua amiga no espelho.

—Não pode ficar assim eternamente —assegurou a General.

¹ Kompromiss: Compromisso que se estabelece entre os casais de einherjars e Valkyrias.

Róta pegou um pedaço de papel do dispensador sobre o lavabo do banheiro e secou o rosto com ele, dando pequenos golpezinhos nas bochechas, testa e queixo.

— Não posso? Está segura, General? —Róta sabia muito bem qual tom usar para incomodar Bryn.

—É impossível. Você comeu sua língua, Róta. —Tentou sorrir, mas, ao ver o rosto inexpressivo de sua amiga, o sorriso não chegou aos seus olhos.

Róta girou e adotou a mesma pose de Bryn, mas apoiando seu traseiro no mármore escuro do banheiro e cruzando os braços diante de seu peito.

— O que quer agora? —Estudava os movimentos nervosos da General. O leve movimento de suas orelhas bicudas quando algo a contrariava, o tremor sutil no canto de seus lábios, a inclinação de cabeça a um lado, derramando toda sua juba loira do lado direito. Desfrutou de seu desconforto, não por vê-la nervosa, mas sim porque só em ocasiões como essa, Bryn tirava a armadura e se mostrava tal como era. Adorável e um pouco tímida.

— O que acontece com Miya? —Perguntou Bryn de repente.

— Agora quer saber? Agora pergunta isso?

Bryn soprou e olhou para o outro lado.

—Nunca é tarde, não dizem isso neste reino?

Róta negou com a cabeça e jogou a mão com desdém e arrogância. Bryn se protegia com sua frieza e inflexibilidade, mas ela o fazia com suas próprias armas; as mesmas que faziam que todos acreditassem que se achava um ser superior, que estava acima do bem e do mal.

—Sim, é tarde para nós, General. São muitas coisas já, não acha? Estou cansada. —Ficou diante dela e a olhou como se não levassem uma eternidade sendo irmãs. —Não vou te perdoar. As Valkyrias são rancorosas.

A General levantou o olhar, vidrado e úmido, cheio de surpresa. Engoliu em seco e seus olhos piscaram.

—Não estou pedindo perdão.

—Claro. É óbvio que não. Nunca o faz. Fazê-lo suporia que se enganou — aproximou seu rosto do dela até quase tocaram seus narizes—, mas Bryn “A selvagem” nunca se engana. A General é perfeita.

Bryn elevou o queixo trememente.

—Róta, não entendo nada. Fiz o que tinha que fazer... Não sei o que te aconteceu. Não sei por que se comportou assim. Foi inadmissível.

—Poderia ter me perguntado isso antes de me esbofetear diante dele. Suponho que há tempo tinha vontade de me acertar.

Um brilho cheio de reconhecimento e compreensão emergiu nas profundidades dos olhos de Bryn.

— Trata-se disso? É por ele? Você... se sentiu envergonhada?

— Não se trata dele! —Gritou a agarrando subitamente pelos ombros— Se trata de nós, Bryn. De você e eu! Me... Agrediu-me. Prometeu que nunca o faria! Por muito mal que estivessem as coisas disse que sempre... estaria do meu lado.

— Sua voz, afetada pelas emoções, saiu oscilante. — Disse que sempre... Disse... — Apertou os lábios. — Dá no mesmo.

A General não se moveu do lugar. Esperava a bofetada de Róta, mas esta não chegou. E Bryn a desejava. Desejava uma tapa na cara para não ter que ver o rosto de decepção de sua amiga.

—Róta —Bryn engoliu e tentou dialogar com ela— Sei que...

—Não importa. — A cortou. Soltou seus ombros e arrumou as lapelas da jaqueta de pele ajustada que usava. — Não sabe nada. E não quero saber nada mais sobre você. — Limpou uma pequena lágrima que queria deslizar pelo canto de seu olho direito. — Estou esgotada, Bryn. Esgotada de sentir sua tristeza, esgotada de ver sua apatia, esgotada de empatizar com esse louco mundo interior gelado que tem. Não... Não quero. Faz-me mal.

— Sério? —A recriminou com os punhos apertados de cada lado de seus quadris. — Por sua vez você é justamente o contrário, verdade? Róta “A Desejada”, Róta “A que tudo vê e nada importa além de si mesma”.

—Você é a última pessoa que deveria me dizer isso. — Grunhiu ficando de olhos vermelhos.

— E o que fará, Valkyria? —Desafiou-a Bryn, zangada por suas palavras. — Não pode me ignorar.

— Por que é minha General?

—Não, Róta. Porque sou sua... Sou sua *nonne* —disse sem desviar o olhar em nenhum momento.

—Não. — A Valkyria agitou seu cabelo vermelho e se afastou dela. Abriu a porta do banheiro. Não queria brigar com Bryn. Não mais. Mas antes de sair do serviço acrescentou: — Não é mais minha *nonne*. Não está mais em meu coração.

Bryn levou a mão ao peito e enrugou num punho o tecido de seu pulôver negro. Isso foi muito cruel. Empalideceu e abriu os olhos com consternação.

Róta fechou a porta atrás de si e deixou sua amiga Valkyria atolada na tristeza que supunha ser escutar as palavras que rompiam a promessa entre irmãs.

Caminhou vacilante através do corredor que levava à pista principal do Underground. Sentia-se mesquinha e injusta. Mas precisava pôr distância entre ela e Bryn. Era muito duro sentir o que a outra sentia ou perceber o que a machucava ou não. Eram as duas únicas Valkyrias do Valhala que empatizavam desse modo.

Foram muito boas amigas, grandes irmãs. Mas as coisas se descontrolaram desde o que aconteceu entre Bryn e Ardan, e após se distanciaram. De quem foi a culpa? Nem sequer sabia. Foi dela? Foi Bryn a primeira a se afastar? Não importava mais.

Caminhava com os olhos cravados na ponta de suas botas negras quando encontrou com botas militares quarenta e cinco. Estavam manchadas de álcool e salpicadas de sangue de vampiro e lobacho.

Miya.

Estava vestido de negro da cabeça aos pés, com calças largas e uma camiseta de manga comprida muito justa que delineava seu corpo como uma luva. Tinha o cabelo preso numa espécie de coque baixo, mas algumas mechas castanhas caíam pelo rosto. Seus lábios mostravam um sorriso insolente e faziam que a cicatriz perfeita que tinha no queixo se estirasse para a direita. Seus olhos cinza e rasgados zombavam dela.

Róta não estava de humor para enfrentá-lo. A briga no Hard Rock ainda estava muito recente e, além disso, a discussão com Bryn a afetou muitíssimo. Mas a Valkyria nunca evitava uma briga, sobretudo se a provocavam.

O samurai estalou a língua e a olhou com intensidade.

— Voltaram a te esbofetear, Valkyria?

Miya a encurralou contra a parede, e a puxou para a parte mais escura do corredor.

No dia anterior não dormiu nada.

Desde que essa mulher pisou em Chicago estava absolutamente descontrolado. Sempre manteve a fome vaniria a raia, mediante sua disciplina e vontade, mas sentia que esta pendia por um fio desde que essa mulher de cabelo vermelho e olhos celestes apareceu.

Miya a esteve controlando desde que chegaram de Ohio Street, desde que se meteram naquela casa de três andares. Não esperou jamais que fossem em sua busca nessa mesma tarde. Mas, ao que parece, o Engel e seus guerreiros tinham as coisas muito bem planejadas.

Estar diante daquela guerreira nublava sua razão. Era seu aroma. Esse aroma um pouco ácido e doce ao mesmo tempo. A fruta suculenta e antioxidante.

Como podia ser? Como era possível? Jurou que isso nunca aconteceria, não podia acontecer. Um *sensei*² como ele não deveria ter distrações desse tipo, muito menos laços ou atrações que o pudessem desviar de seu objetivo. Aconteceu uma vez e foi suficiente.

Mas aí estava sua maior distração, na frente do seu nariz, elevando o queixo de um modo presunçoso e arrogante.

Essa mulher era um ímã ou, melhor dizendo, um eletroímã para seu corpo.

Leu algo sobre Valkyrias, mas pouco descobriu desde que desceram à Gold Coast. Deu-se conta que as descrições captavam a essência dessas mulheres, mas não as definiam em sua totalidade.

Uma valkyria como Róta era vaidosa, presunçosa, arrogante, soberba, caprichosa e incorrigível. Nunca seria seu tipo. E, entretanto, isso não era o que pensava nem seu pênis nem suas presas, que já picavam, e necessitavam que alguém acalmasse a coceira.

Esse grupo de einherjars e Valkyrias desceu para recuperar os objetos roubados dos deuses: Mjöltnir, Seier e Gungnir, que não eram outra coisa que o

² Sensei significa "professor" em japonês

martelo de Thor, a Espada da Vitória de Freya e a Lança de Odín. Esses três objetos nas mãos dos jotuns poderiam provocar e acelerar a chegada do fim do mundo, o apocalipse, ou o que conheciam como *Ragnarök*.

Miya sabia que Khani conhecia o paradeiro dos objetos. O Engel concordava que, pelo menos, o Mjöltnir se encontrava em Windy City, como era conhecida Chicago, porque há dois dias uma descomunal tormenta elétrica açoitava o núcleo urbano e não dava trégua.

E o samurai estava convencido que tendo Khani em suas mãos podiam descobrir muitas coisas. Por isso foram ao Underground.

Mas Khani preparou uma armadilha e, no final, o vampiro escapou.

Agora estavam recolhendo o local e mudando as mentes dos humanos envolvidos.

O DJ estava esparramado sobre a mesa de mixer, com os fones pendurando da cabeça, mas a música continuava soando, era *Tonight I'm loving you* de Enrique Iglesias. Ren tentava ler os assistentes para ver se algum deles sabia algo sobre o paradeiro dos totens dos deuses. Seu amigo disse que tentaria seguir o rastro mental de Khani nos sistemas neurais de seus servos de sangue, embora, até o momento, não descobrisse nada. Khani era um não-morto muito esquivo.

Miya queimou os corpos dos lobachos, vampiros e desses novos monstros que pelo visto chegaram ao Midgard. Chamavam *etones*, *purs* e *trolls*, o qual mais feio e venenoso.

Essa noite não iam encontrar mais nada e era o momento de organizar uma segunda patrulha para logo tentar descansar, embora fosse um par de horas.

Mas a presença dessa mulher não o deixaria dormir, sofreria a mesma insônia da noite anterior.

— Tornou a insultar sua General? — Perguntou passando a língua pela presa que lutava para se estender. Olhou para a porta do banheiro que continuava fechada. — A matou?

Róta apertou os olhos e olhou a nula distância entre seus corpos.

— Não sou uma psicopata. Esta é uma desculpa para se roçar comigo? — Cravou a vista em sua cicatriz e teve vontade de segui-la com o dedo.

— Não vai me jogar nada desta vez? — Respondeu com outra pergunta.

Róta sorriu com prepotência e elevou uma sobrancelha:

— Isso que está pressionando meu estômago é a ponta de sua espada *chokuto*? Não posso jogar isso outra vez se estiver presa aos seus ovos.

Miya teve vontade de rir: os cantos de seus lábios tremeram a ponto de ceder à sensação da risada. Mas conseguiu permanecer impávido.

— É uma descarada. Não me admira que sua General queira-te por na linha.

Os olhos de Róta avermelharam pela indignação. Ninguém podia pôr em dúvida sua lealdade para Bryn, nem tampouco sua atitude para a missão.

Estava tão comprometida como os outros, mas havia coisas que não podia deixar passar. E, além disso, o caso era que Bryn e ela discutiram virtualmente por culpa do samurai.

—Deveria pegar o exemplo e pôr os seus na linha. — Ficou na ponta dos pés e olhou por cima do ombro de Miya. Cravou a vista em Ren. — Esse de cabelo espetado, não gosto dele. Me deixa inquieta.

Miya não passaria por aí. Ele melhor que ninguém, sabia do calvário que Ren passava. Sabia do grande sacrifício que fazia seu companheiro para que uma Valkyria ególatra dissesse como devia tratá-lo ou se podia ou não confiar nele.

—Ren é um guerreiro. Cuidado com sua língua, Valkyria.

Ela elevou o queixo e um músculo palpitou em sua mandíbula.

—Meu nome é Róta —disse, como se para ele seu nome fosse mais importante que respirar. — Poderia se dignar a pronunciá-lo uma só vez. Não vai engasgar, sabe?

Miya riu dela e franziu o cenho.

— Por que está tão zangada comigo? O que te fiz?

Não entendia por que a jovem era tão arisca. Talvez também percebesse a atração e gostasse tão pouco como ele. Sim; essa mulher tinha toda a aparência de ser suficientemente forte e independente para se sentir debilitada por esse magnetismo brutal entre eles. A ela tampouco agradava.

—Não se lembra, verdade? —Róta desviou o rosto e cravou os olhos do outro lado. — É incrível...

O samurai agarrou seu queixo e a obrigou a olhar em seus olhos.

— Do que supostamente tenho que lembrar? É a primeira vez que te vejo.

As orelhas bicudas de Róta estremeceram.

—Não é a primeira vez. —Jurou ela de modo apaixonado. — O que acontece é que não entendo por que você não... —Balançou a cabeça contrariada.

—Me lembraria de alguém como você. —A olhou de cima a baixo e parou seu olhar no decote da jovem.

Róta o empurrou e se afastou. “Mas não se lembra”.

— Então se lembre!

Miya bateu contra a parede e cravou a ponta da espada embainhada no cóccix. Grunhiu e pegou Róta pelos ombros até empurrá-la contra a parede oposta. Róta queria se defender, mas Miya a agarrou pelos pulsos e os imobilizou de cada lado de seu bonito rosto.

—Com esta já são duas vezes que tenta me agredir. Aqui não há Engel, estamos só você e eu. —Afundou o rosto no pescoço da jovem. “Porra... Como cheira bem.” — Ninguém te protege e não há protocolo valendo. Se me ofender, paga.

Gracias por visitar este Libro Electrónico

Puedes leer la versión completa de este libro electrónico en diferentes formatos:

- HTML(Gratis / Disponible a todos los usuarios)
- PDF / TXT(Disponible a miembros V.I.P. Los miembros con una membresía básica pueden acceder hasta 5 libros electrónicos en formato PDF/TXT durante el mes.)
- Epub y Mobipocket (Exclusivos para miembros V.I.P.)

Para descargar este libro completo, tan solo seleccione el formato deseado, abajo:

